

Quando viver só vira opção

» MARIANA LABOISSIÈRE
» THAÍS PARANHOS

A opção de morar sozinha para a economiária Vanessa de Souza Rangel, 37 anos, veio após a separação do marido, há três anos. Ela nasceu em Brasília e saiu da casa dos pais no dia do casório. O apartamento personalizado, na Asa Norte, é o xodó dela. Mas para morar bem e fazer os próprios caprichos, segundo ela, gasta-se mais. “Você injeta mais dinheiro, porque não divide as despesas, mas isso é administrável. Assim, todo canto tem a sua cara. Adoro cozinhar, ler, ficar no computador. Não tenho um cômodo de preferência na casa. Além disso, gosto muito de cuidar do lar, por isso investi em decoração. Tem coisas que compro hoje que não comprava quando era casada”, revela.

Segundo Vanessa, a maior vantagem em morar só é a independência. “Você sai do trabalho e pode marcar qualquer coisa, ir a um bar, para a casa de amigos. O melhor de tudo é que você não precisa dar satisfação. Assim, você dá valor também à sua individualidade. Mas quero deixar claro que não tenho problemas em morar com outras pessoas. Se um dia tiver a possibilidade, não vou abrir mão”, reforça.

A passadeira Maria da Glória Gomes de Oliveira, 51 anos, moradora de Ceilândia, não está sozinha porque quer. Com o fim do casamento de 30 anos, mudou-se para uma casa menor e teve que aprender a viver sozinha. O ex-marido ficou na antiga casa com um dos filhos. Os outros três estão casados. Um ano e meio depois, ela se ressentia da falta de companhia. “Assim que me mudei, passei uns três meses sem conseguir dormir, só chorava. Não é fácil, mas a gente vai levando”, contou. Maria da Glória admite não gostar de morar só, mas sabe que essa foi a melhor decisão. Para driblar a solidão, entrou para um grupo da terceira idade de Ceilândia. Lá, encontrou pessoas na mesma situação. “Durante o dia, eu saio, vejo gente na rua, mas, quando a noite chega, a solidão vem junto quando fecho as janelas”, lamentou.

O número de divórcios registrados nas varas de família de Brasília aumentou consideravelmente nos primeiros meses deste ano em comparação com o mesmo período do ano passado, segundo dados do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT). Em 2010, foram registrados, de janeiro a junho, 630 casos, contra 1.130 neste ano. O índice, no entanto, pode ser ainda maior por conta das demandas nos cartórios — não contabilizadas.

Desafio

A advogada Débora Aparecida de Lima, 26 anos, deixou o interior de Santa Catarina, onde estudou direito, para morar e trabalhar em Brasília. Nos primeiros meses na capital do país, ela dividiu um apartamento com outra pessoa. Mas confessa não ter gostado tanto da experiência. Atualmente, Débora mora em um condomínio na Asa Norte. “Eu queria mais privacidade. Agora, tenho. Quando você mora com outras pessoas, isso é bem complicado. A convivência não é fácil. O problema é que tem alguns momentos que nos sentimos realmente sozinhos. Afinal, você chega em casa e não terá ninguém para conversar. No máximo, pelo telefone. As pessoas só não podem se tornar individualistas”, avalia.

O alto número de núcleos familiares, segundo a socióloga Elizabeth Aiko Oda, professora da Universidade Católica de Brasília (UCB), é pressionado pelos estudantes que resi-

Daniel Ferreira/CB/D.A Press



Maria da Glória tem dificuldade para se adaptar a uma residência menor após o fim do casamento de 30 anos: “Só chorava. Não é fácil, mas a gente vai levando”

BALANÇO

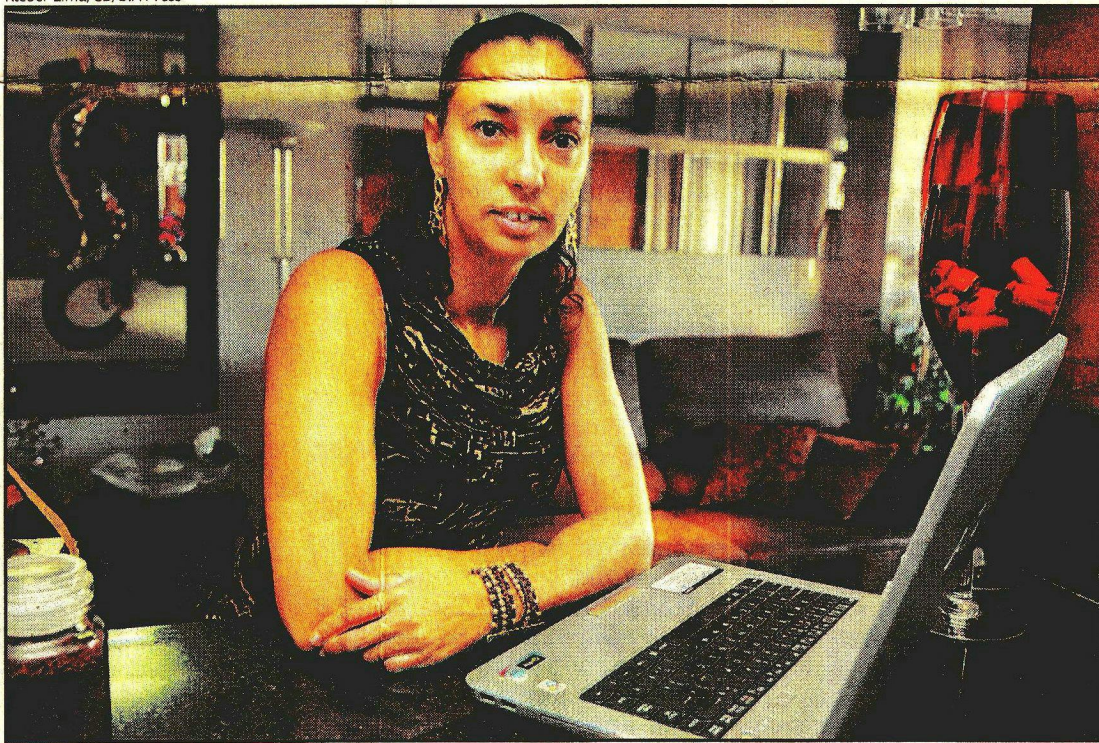
45 mil

Estimativa de pessoas que moram sozinhas em pequenos espaços em Brasília, segundo o IBGE

1.130

Total de divórcios registrados nas varas de família de Brasília em 2011

Kleber Lima/CB/D.A Press



Vanessa Rangel transforma o apartamento na Asa Norte em xodó: “Gosto muito de cuidar do lar”

» Palavra de especialista

Independência financeira

“Há muitas razões que levam as pessoas a morarem sozinhas atualmente. Como um primeiro enfoque, podemos ressaltar que Brasília é a cidade dos concursos públicos e há um exodo muito grande. Com uma renda melhor, as pessoas têm condições de comprar um imóvel. Outra percepção é que Brasília era considerada há alguns anos a capital brasileira das separações. Também podemos citar a construção de imóveis pequenos em profusão na cidade. Em nível social, observamos que as

pessoas estão se casando depois de atingirem um certo grau de maturidade, e isso significa mais tarde. Há duas décadas, por exemplo, as meninas se casavam com 20 anos. Hoje, as pessoas querem se formar, ter uma independência financeira. Existe um maior grau de egocentrismo e o nível de exigência também aumentou. O jovem se apaixona e se casa, mas a pessoa mais madura se torna seletiva. Sem contar que, quem já viveu sozinho, adquiriu um monte de manias. As pessoas hoje têm

outras preferências e interesses, e não só constituir família. Podemos pensar na internet também. Hoje, as pessoas têm um contato virtual incrível. Apesar de fugir do contato real, não vejo isso como um isolamento, é mais uma opção. A vida se tornou mais prática também e isso fez com que as pessoas consigam viver tranquilamente sozinhas sem a necessidade de se ter alguém em casa com elas.”

Alexandre Marques, psicólogo particular

conta própria. Não é mais assim. Já ouvi falar que a violência (urbana) é um dos fatores que influenciam esse fenômeno, mas é algo que deve ser estudado.”

Convivência

Para o psicólogo Pedro Paiva, os motivos que levam uma pessoa a morar sozinha vão além da questão financeira ou do casamento. “As pessoas buscam cada vez mais viver

sozinhas porque hoje em dia há a cultura do ‘delivery’, na qual você pode ter tudo sem ter que ir atrás de nada”, aponta o terapeuta particular. De acordo com ele, essa tendência chegou também aos relacionamentos. “A convivência é algo muito difícil, você tem que ceder, se controlar, optar pelo outro, e as pessoas estão fugindo desse desafio. O grau de egoísmo parece se manifestar cada vez mais forte”, sugere.

Quitinete é solução

Entre os tipos de domicílios listados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os apartamentos são as unidades habitacionais onde é mais fácil encontrar um “solitário”. Quase 45 mil pessoas moram sozinhas em pequenos espaços, em Brasília. Em casas e condomínios do DF, o mais comum é encontrar núcleos familiares com dois ou mais indivíduos. O vice-presidente do Sindicato da Habitação (Secovi-DF), Robson Cunha Moll, ratifica a informação. Segundo ele, os apartamentos de um quarto e as quitinetes têm ganhado cada vez mais o mercado de imóveis no Distrito Federal. Há alguns anos, em Águas Claras, por exemplo, era difícil encontrar moradias compactas. Hoje, no entanto, imóveis de um e de dois quartos têm maior procura.

Oferta

Moll estima que a venda e o aluguel de quitinetes e apartamentos pequenos tenha aumentado nos últimos seis anos em mais de 30%. Ele cita ainda a Asa Norte como um local onde ocorreu uma quebra de paradigma. “Principalmente, nas quadras 911 e 912 Norte, há prédios todos compostos por quitinetes. Antigamente, isso era inconcebível nesse ponto da cidade. Como houve muita oferta de dinheiro para financiamentos, há uma rapaziada deixando de morar com os pais, ganhando um salário bom e cavando a oportunidade de morar sozinha. É cada vez mais comum esse tipo de público”, conta.

Uma quitinete na Asa Norte custa em média R\$ 240 mil, o preço de um apartamento de dois quartos em Águas Claras. O aluguel de um espaço similar fica em cerca de R\$ 900. Moll avalia que, de um modo geral, é mais vantajoso investir na locação. Segundo ele, a demanda é maior que a oferta, o que encarece o produto. Mesmo assim, ele pontua que vem crescendo o número de quitinetes disponíveis no mercado de imóveis em Brasília.